

100 MAIORES

Mesmo depois de quase 40 anos de sua criação, o conceito de agribusiness tem servido como uma alternativa muito apropriada para analisar a agricultura atual do Brasil. Neste sentido, é curioso notar o seu crescente uso no país nestes anos 90, a exemplo do que ocorre há muito tempo nas economias mais desenvolvidas. Na verdade é uma corrida contra o tempo.

Uma vez entendido que a agricultura brasileira possui *status* de agribusiness, é indispensável ter em mente que ela precisa ser vista através do exercício da criatividade e do bom senso, sempre tendo como finalidade encontrar um modelo funcional de gerência. Não se pode limitar o horizonte somente nas atividades de dentro da porteira. É nesse exercício que os tomadores de decisão da iniciativa privada e do governo poderão encontrar respostas, saídas e maneiras flexíveis de aumentar a eficiência da propriedade rural, das agroindústrias, dos canais de comercialização e do abastecimento.

No ambiente do agribusiness, a sobrevivência do produtor rural, independentemente do seu porte ou tipo de exploração, dependerá da difusão de informações sobre administração, mercado e tecnologia, da cogestão de empreendimentos — condomínios rurais e sistemas de integração —, do conhecimento das cadeias de alimentos, fibras e biomassas, da criação de sistemas de comunicação com a comunidade urbana, do estímulo à criatividade e à inovação, à descentralização e à parceria.

Diante de tais circunstâncias, as lideranças rurais devem estrategicamente buscar a liderança em torno do agribusiness de cada atividade da agropecuária. Neste sentido, um caminho a ser seguido diz respeito ao papel do Estado como coordenador de processos. Isto significa, em outras palavras, o esforço governamental para estimular acordos e obter compromissos entre os segmentos de antes, dentro e depois da porteira, no enfoque de cliente e fornecedor, em nome dos princípios da produtividade e da qualidade. As fontes e usos dos recursos oficiais para o agribusiness devem ser transparentes, cabendo pensar o Estado e a agricultura como unidades empresariais que se diferenciam das empresas apenas no resultado final: uma visa o bem-estar e a segurança alimentar dos cidadãos, a outra privilegia o lucro.

É necessário reconhecer que muitos passos têm sido dados para traçar os rumos da agricultura frente aos novos desafios de mercado. Contudo, é preciso acelerá-los para continuar dando respostas às principais questões sobre o negócio agropecuário, que vieram para ficar no horizonte temporal deste fim de século. E aí incluem-se temas ligados a produtividade, qualidade, competitividade, necessidade de integração com a agroindústria, gestão da propriedade, desenvolvimento auto-sustentado e outros mais.

LUIZ ANTONIO PINAZZA
Gerente de planejamento e estudos econômicos da Agroceres.

Evolução da agroindústria — 1981-93

A agroindústria registrou, em termos globais, uma expansão do patamar produtivo da ordem de 13,7% no período 1981-93. Os setores vinculados à pecuária registram taxa de crescimento de 11,4%. Os segmentos agroindustriais associados à agricultura acompanharam de perto o crescimento global com variação positiva de 14,4% (tabela 1).

A excelente *performance* da avicultura (90,9%), seguida do desempenho dos ramos de insumos pecuários (31,4%), determina os resultados obtidos pela pecuária, apesar do recuo na produção de bovinos (33,8%) no período.

O desempenho na produção de aves e derivados teve determinantes diferentes ao longo desses 13 anos. A partir de 1984, o crescimento significativo das exportações de aves e derivados estimulou a produção nacional, consolidando a posição do Brasil no mercado mundial do produto. Já na década de 90, com o ritmo estabilizado das exportações, a produção manteve-se crescente, também em função da maior procura interna devido aos altos preços da carne bovina frente ao poder de compra dos salários.

Observando o gráfico 1, verifica-se que o nível de produção da agroindústria ligada à pecuária ultrapassa o nível global da produção agroindustrial em meados de 1991. Mas, no momento, as exportações de derivados já não estão tão concentradas no setor agrícola. A tabela 2, que mostra os valores exportados pelo setor por categoria de produto, assinala uma recuperação nas vendas externas de bovinos em 1991 e 1992, e um excelente resultado nas exportações de suínos, motivando dessa forma uma melhoria na produção desses setores. No caso dos bovinos, as discussões em torno do acordo do Mercosul combinadas com a defasagem cam-

Para fins específicos desta análise, utilizamos o termo agroindústria para denominar os setores industriais vinculados à produção agropecuária.

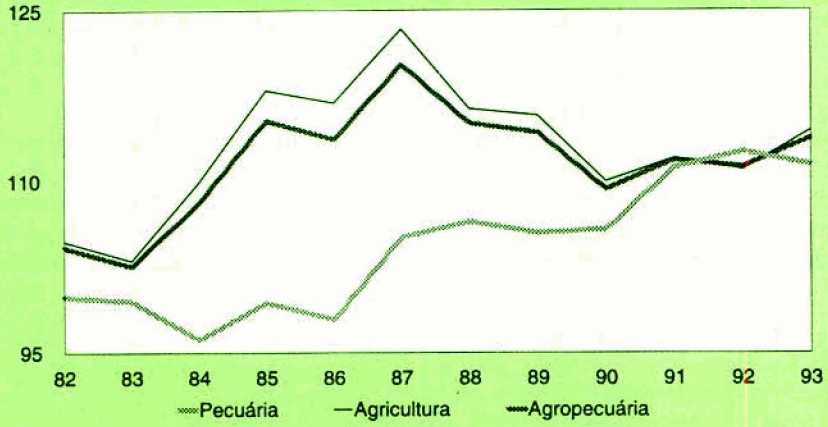
bial do peso argentino explicam esse comportamento.

A evolução da produção industrial derivada da agricultura registrou expansão de 19,8% do nível da atividade na série analisada (1981-93). De acordo com o gráfico 2, observa-se que a partir de 1984 a produção agroindustrial registra uma tendência ascendente, embora com ligeiros declínios em anos alternados.

A produção de cana-de-açúcar esteve 61,2% acima da obtida no início da década de 80, enquanto a produção de seus derivados cresceu 42,9% no mesmo período (tabela 3). Em se tratando de produto perecível, não sujeito a estoques e com produtividade crescente no período, grande parte desse diferencial pode ser explicada pela mudança nos pesos dos produtos derivados no índice global ao longo desses anos. O advento do Proálcool, no início da década de 80, provocou mudanças estruturais significativas no índice, não captadas instantaneamente, sendo a produção de açúcar, praticamente estagnada naquele momento, a de maior impacto sobre o índice obtido. Além disso, os processos produtivos do açúcar e do álcool sofreram mudanças importantes, deixando de ser complementares (álcool residual) para serem substitutos (álcool direto). De qualquer forma, as variações positivas no componente agrícola e industrial da agroindústria canavieira garantem ao setor um lugar de destaque no cenário nacional, principalmente pelas melhorias tecnológicas, tanto no nível de plantio (novas variedades mais produtivas), quanto no nível da indústria de açúcar e álcool, que vem registrando em algumas regiões acréscimos consideráveis na rentabilidade industrial.

Brasil: evolução da produção por setores

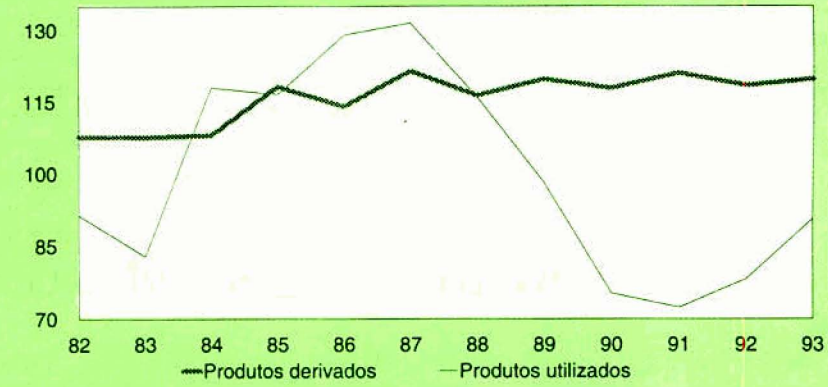
Produtos industriais derivados e utilizados pela agricultura, pecuária e agropecuária — Base (média 1981=100)



Fonte: IBGE / DPE / Departamento de Indústria.

Brasil: evolução da produção industrial por setores

Produtos industriais derivados ou utilizados pela agricultura
Base (média 1981=100)

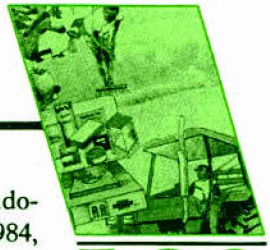


Fonte: IBGE / DPE / Departamento de Indústria.

O patamar de produção na lavoura de soja elevou-se 51,3% no período 1981-93, embora a produção de derivados registrasse queda de 23,2% no mesmo período (tabela 3). Esta diferença é explicada pela importância da exportação *in natura*, que não passa pela indústria.

A *performance* da agroindústria de soja sofre a influência direta da cotação dos produtos derivados no mercado internacional. Diferente do *boom* ocorrido nos anos 70, a situação na década seguinte aponta queda significativa nos preços externos, em grande parte devido à implantação de medidas protecionistas por parte dos EUA, afetando diretamente a produção do "complexo soja", principalmente a de farelo, que recuou 18,5% ao longo dos anos 80. O consumo interno de óleo refinado, auxiliado pelos tabelamentos governamentais, cresceu no período, sendo este o único produto com variação ligeiramente positiva (0,6%).

No início dos anos 90 não houve alterações significativas no contexto do setor, exceto para o ano de 1993, quando houve melhoria significativa nos preços internacionais de soja e derivados, principalmente em função de problemas climáticos nos EUA, resultando em uma receita de exportação para o complexo soja su-



perior em 15% à de 1992. No entanto, o que caracterizou o período 1981-93 foi a prioridade nas exportações de soja em grão e maiores estoques de passagem, o que explica o contraste entre as taxas de produção agrícola (51,3%) e de derivados agroindustriais (-23,2%).

No que se refere ao trigo, observa-se que desde meados dos anos 70 o governo vem buscando tornar o país auto-suficiente no cereal. Neste sentido, atuou como intermediário na relação entre o produtor de trigo e os moinhos, fomentou pesquisas agropecuárias e fixou preços remuneradores ao produtor, permitindo assim a adoção de práticas agrícolas mais modernas. Os anos de 1985, 1986 e 1987 foram marcados por produções agrícolas acima das expectativas, situação que se inverte radicalmente a partir de 1989, com quedas significativas na produção.

Adicionalmente, nesse mesmo período as importações cresceram 394,6%, mostrando que os últimos cinco anos foram importantes no resultado da série considerada, cuja produção agroindustrial (11,4%) só foi possível mediante processamento do trigo importado (tabela 4).

As exportações de suco de laranja ganharam importância na década de 80, sobressaindo-se o ano de 1984, quando atingem 5% de participação no total nacional das vendas externas de produtos agroindustriais. A forte articulação do produto com o mercado internacional determinou maior integração entre produtos agrícolas e industriais, protegendo a receita do setor e conseqüentemente impulsionando os investimentos e a modernização.

No período 1981-83, houve um acréscimo de 57,8% na produção

Tabela 1 — Evolução da agroindústria 1981-93 — Brasil e regiões
Base: 1981 = 100

Grupos selecionados	Brasil	NE	PE	BA	MG	RJ	SP	Sul	PR	SC	RS
Produtos industriais											
Derivados da agricultura (*)	119,8	78,7	75,1	122,8	134,9	74,3	128,7	124,4	116,9	124,6	146,1
cana-de-açúcar	142,9	73,3	69,1	236,1	124,0	79,1	177,3	100,3	124,9	74,4	–
soja	76,8	66,3	132,0	–	365,3	–	73,7	62,2	73,7	88,2	55,0
trigo	111,4	110,0	104,1	102,3	109,7	95,2	106,8	122,2	143,6	246,2	123,6
café	157,1	–	–	–	–	–	151,3	183,9	183,9	–	–
cacau	148,2	129,9	–	129,3	–	–	–	–	–	–	–
laranja	165,3	–	–	–	–	–	164,3	–	–	–	224,5
fumo	145,4	74,8	107,3	–	175,1	59,2	51,2	221,2	233,5	188,9	270,4
uva	209,7	100,5	–	–	–	–	76,0	282,3	–	12,4	295,1
algodão	101,5	65,2	64,7	–	106,8	89,0	84,3	125,8	106,7	105,8	–
milho	116,8	103,2	93,3	–	70,2	35,1	88,2	159,6	145,7	184,9	136,2
Utilizados pela agricultura	90,7	71,8	31,6	102,5	245,1	–	69,0	70,4	107,6	7,3	73,8
máquinas e equipamentos	70,2	–	–	–	–	–	48,1	81,5	52,9	23,0	114,0
adubos e fertilizantes	98,7	71,8	31,6	102,5	245,1	–	80,2	67,7	108,1	0,1	59,5
Total da agricultura (*)	114,4	78,2	72,3	119,3	137,1	74,3	115,1	112,2	115,3	121,1	121,9
Derivados da pecuária (*)	104,5	93,3	15,3	140,0	80,0	65,7	107,2	138,2	133,7	204,2	118,6
bovinos	66,2	97,4	0,3	–	34,7	73,0	76,6	65,2	114,6	77,8	71,7
suínos	107,5	–	–	–	75,3	24,0	49,8	119,8	86,0	151,8	106,7
aves	190,9	–	–	–	130,1	125,7	161,3	214,0	228,2	225,2	193,7
leite	103,2	91,5	45,5	140,0	97,3	41,5	113,4	142,2	188,6	146,8	126,5
Utilizados pela pecuária	131,4	82,7	87,8	–	70,2	38,2	126,1	153,3	126,4	184,9	140,3
Total da pecuária (*)	111,4	87,8	67,2	140,0	78,9	59,3	113,2	141,5	131,7	198,8	122,1
Total da agropecuária (*)	113,7	78,7	71,0	121,1	115,8	72,6	115,9	117,6	118,1	143,8	121,1

Fonte: IBGE/DPE/Departamento de Indústria.
(*) Os totais incluem outros produtos industriais vinculados à agropecuária.

agrícola e expansão de 48,2% no nível de atividade da agroindústria de suco de laranja (tabela 3). Essa *performance*, entretanto, é fortemente atrelada ao comportamento externo, que por sua vez é determinado pelo desempenho da safra norte-americana, o que implica resultados nem sempre positivos em cada um dos anos considerados.

Nos últimos quatro anos destaca-se o de 1991, com o maior recuo anual no processamento industrial (28,6%), devido à queda dos preços externos. Já no ano seguinte a produção recuperou-se (3,2%), dada a variação de 10,3% no preço médio, inclusive impactando positivamente o plantio e o processamento (16,9%) em 1993.

Entre 1981 e 1993 o aumento no patamar de produção da lavoura de milho ficou em 41,9%, enquanto a produção agroindustrial de rações cresceu 16,5% (tabela 3). A adoção de práticas modernas de cultivo, característica das lavouras integradas com a produção de aves e suínos, convive com a agricultura rudimentar de subsistência também presente nesta cultura. Assim, embora a maior parte do milho produzido seja processada pela indústria de rações, aproximadamente 40% de sua produção ficam retidos no estabelecimento agropecuário para consumo *in natura*. Este percentual médio pode ser ainda maior em anos de supersafra, quando o preço baixo do cereal permite o consumo *in natura* pelos produtores de aves e suínos em substituição à compra da ração.

O nível de produção de itens industriais utilizados pela agricultura registrou recuo de 9,3% em relação a 1981. Note-se que dos 12 anos considerados na série, os de 1984, 1986, 1987 e 1993, apresentam crescimento. A recuperação e expansão do mercado externo de produtos agrícolas em 1984 responde pelos resultados naquele ano, sendo que em 1986 e 1987 os efeitos do Plano Cruzado sobre a renda do produtor rural possibilitaram maiores investimentos. Finalmente, em 1993 a excelente safra de soja (18,4%), combinada com preços relativos favoráveis de adubos e fertilizantes ao longo do ano, estimulou os investimentos em máquinas e equipamentos agrícolas e a demanda por insumos industriais (gráfico 2).

Tabela 2 — Evolução das exportações (US$) dos derivados da pecuária — 1990-93
Base: 1989 = 100

Produtos	1990	1991	1992	1993	1990–93
Carne de frango	124	120	114	129	219
Carne bovina congelada	73	178	159	96	198
Carne bovina industrial	56	212	160	93	177
Carne de suíno	114	128	255	114	424

Fonte: Decex.

Tabela 3 — Evolução da produção agrícola e de derivados industriais
Produtos selecionados — 1981-93
Base: 1981 = 100

Setores	Produção agrícola	Produção agroindustrial
Cana-de-açúcar	161,2	142,9
Soja	151,3	76,8
Trigo	99,6	111,4
Laranja	157,8	165,3
Milho	141,9	116,5

Fonte: IBGE/DPE/Deagro/Deind.

Tabela 4 — Evolução da produção e importação de trigo — 1989-93
Base: 1988 = 100

Anos	Trigo	
	Produção	Importação
1989	96,8	163,2
1990	55,7	65,0
1991	94,3	121,2
1992	95,8	183,2
1993	78,7	210,0
1989-93	38,3	494,6

Fonte: IBGE/DPE/Deagro, Decex.

A expansão da agroindústria brasileira em 13,7% nos últimos 12 anos demonstra regionalmente que a maioria dos estados teve desempenho positivo, sendo que somente dois — Pernambuco (29,0%) e Rio de Janeiro (27,4%) — registram queda no nível de produção nesse período.

A agroindústria catarinense, com crescimento de 43,8%, foi a que apresentou melhor *performance*, seguida por Rio Grande do Sul (21,1%) e Paraná (18,1%), contribuindo dessa forma para que nos últimos dois anos o Sul do país (17,6%) tenha ficado à frente de importante pólo industrial como São Paulo (15,6%). Neste estado, o setor canavieiro (77,3%) e a produção de suco de laranja (64,3%) apresentaram as maiores variações positivas.

O crescimento no patamar da produção de derivados da cana-de-açúcar na Bahia (136,1%) foi a maior contribuição para o desempenho agroindustrial daquele estado, embora a indústria cacaueira, importante na região, revele também taxa positiva de 29,3%. Por outro lado, Pernambuco, tradicional produtor de cana e derivados, teve nesse setor o maior impacto negativo, com recuo em 30,9% no nível de produção na comparação 1981-93.

O confronto entre Minas Gerais, Rio de Janeiro e Nordeste, que têm em comum o grande peso do setor canavieiro, demonstra que a agroindústria mineira esteve a partir de 1986 num nível de produção superior ao verificado para as outras duas regiões, apesar da maior tradição do setor sucroalcooleiro fluminense e nordestino.

ROSANGELA CARNEVALE
Economista do Departamento de Indústria do IBGE.

PAULO GONZAGA M. DE CARVALHO
Economista do Departamento de Indústria do IBGE e professor da Unesa.